

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

HOURS AND HOURS – OS FILMES PARA TELEVISÃO DOS GRANDES MESTRES DE HOLLYWOOD

14 e 29 de Dezembro de 2023

THE LEOPARD MAN / 1943

O HOMEM LEOPARDO

um filme de JACQUES TOURNEUR

Realização: Jacques Tourneur *Argumento:* Ardel Wray baseado no conto *Black Alibi* de Cornell Woolrich
Diálogos adicionais: Edward Dein *Direcção de Fotografia:* Robert de Grasse *Direcção Artística:* Albert S. D'Agostino, Walter E. Keller *Cenografia:* Darrell Silvera, Al Fields *Música:* Roy Webb *Direcção Musical:* C. Bakaleinikoff *Montagem:* Mark Robson *Som:* John C. Grubb *Assistente de Realização:* William Dorfman
Interpretação: Dennis O'Keefe (Jerry Manning), Margo (Clo-Clo), Jean Brooks (Kiki Walker), Isabel Jewell (Maria), James Bell (Dr. Galbraith), Ben Bard (Chefe Robles), Margaret Landry (Teresa Delgado), Abner Biberman (Charlie How-Come), Tula Parma (Consuelo Contreras), Ariel Heath (Eloise), Richard Martin (Raoul Belmonte), William Halligan (Brunton, homem rico), Jacqueline De Witt (Helene), Robert Anderson (Dwight), Kate Lawson (Señora Delgado), Fely Franquelli (Rosita), Tola Nesmith (Señora Contreras), Brandon Hurst (guarda), Jacques Lory (Philippe), Bobby Spindola (Pedro), Russell Wade, Margaret Sylva, Charles Lung, John Dilson, Mary MacLaren, Tom Orosco, Eliso Gamboa, Joe Dominguez, Betty Rodaman, Rosa Rita Varella, etc.

Produção: RKO Radio Pictures Inc. *Produtor:* Val Lewton *Estreia Mundial:* Maio de 1943 *Cópia:* Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35 mm, preto-e-branco, legendada em português, 66 minutos *Estreia em Portugal:* 4 de Dezembro de 1944, no cinema Olímpia (Lisboa).

THE LEOPARD MAN É APRESENTADO COM NIGHT CALL (“FOLHA” DISTRIBUÍDA EM SEPARADO)

Concordando-se que, imediatamente anteriores na obra de Tourneur, CAT PEOPLE é um filme “da transfiguração” e I WALKED WITH A ZOMBIE “um filme do vento”, de THE LEOPARD MAN pode falar-se como um filme “de negrume”, escuro no estilo e na forma e assombrado pelo bater de castanholas que desde o genérico se fazem ouvir, voltando depois como *leitmotiv* num filme que parte do “negro álbi” do leopardo como, aliás, o título do conto que serve de base ao argumento logo estabelece. É o terceiro e último andamento da fabulosa colaboração que, recorde-se, entre 1942 e 1943, ligou Val Lewton e Jacques Tourneur, na RKO, na feitura de projectos de série B sob o signo do “terror” por ambos entendido, na sua dimensão cinematográfica, como o campo por excelência da sugestão. Terá sido este mútuo entendimento, e estilos de produção e realização fortes, concisos e profundamente originais, que levaram os três projectos pelo domínio do fantástico, dando ao “género” uma atmosfera inquietante tecida num jogo de luz e sombras cuja tonalidade tem o seu acordo nos subterrâneos desígnios da condição humana que os inspiram. Referindo-se a uma fonte em que um repuxo suporta uma bola de água dominando um dos cenários, diz uma personagem central de THE LEOPARD MAN: “Aprendi uma coisa sobre a vida, somos um pouco como aquela bola a dançar sobre a fonte. Sabemos tanto das forças que nos movem a nós e ao mundo, como aquela bola sabe da água que a impele para cima, a deixa cair e a apanha de novo.”

A destacar uma figura comum aos três filmes produzidos por Lewton e realizados por Tourneur, é justamente a do subterrâneo aquela que parece assumir o relevo mais decisivo. O que move histórias e personagens, o que percorre as respectivas estruturas narrativas e se traduz no estilo visualmente apurado e poderoso de CAT PEOPLE, I WALKED WITH A ZOMBIE e THE LEOPARD MAN é da ordem do oculto, do não

dito, do que está além e aquém das acções dadas a ver. E nos três casos, pese embora o relativo menosprezo com que os próprios realizador e produtor terão julgado o último dos seus projectos comuns (ambos o consideraram um falhanço relativamente aos dois primeiros) e pese embora a preferência que cada um deles pode suscitar (e se parecem ímpares a respiração e a sensualidade de *I WALKED WITH A ZOMBIE*), os filmes são, em si mesmos (e cada um por si), de uma impressionante harmonia.

THE LEOPARD MAN baseia-se num conto de mistério criminal, assumindo uma estrutura narrativa que se alicerça na ideia da repetição, balançando entre dois géneros, o “terror” e o “filme negro”, como consensualmente as análises críticas mais ou menos referem. É inegável a proximidade entre este filme e o território do *film noir*. Veja-se o plano inicial sobre a rua obscura que a personagem de Clo-Clo percorre acompanhada em contínuo pela câmara em *travellings* laterais, introduzindo cada um dos “episódios” que culminam nas brutais mortes das três raparigas e a que preside um sentido de fatalidade *noir*. Vejam-se as mortes nocturnas. Vejam-se os planos dos rostos das três raparigas nos momentos que antecedem as suas respectivas mortes (houve quem a propósito lembrasse o posterior frémito que visões idênticas provocariam no criminoso de *PEEPING TOM*). Neste território cruza-se o do “terror”. Veja-se, sobretudo, a admirável sequência da morte de Teresa Delgado, a rapariga que guarda em si o medo infantil do escuro, como o merceeiro lembra, apesar de a mãe dela ter já esquecido, e que se sentia ameaçada pela ideia do leopardo muito antes de sucumbir às suas garras, antes, até, da sombra de leopardo ser projectada na parede pelas mãos do irmão para a assustar.

Um acidente – a fuga do leopardo levemente tomado de empréstimo a um circo para servir de golpe publicitário em prol do êxito de uma cançonetista loira em terra de morenas – desencadeia um clima de medo na cidade do Novo México em que a acção decorre. O terror instala-se depois da primeira morte e a caça ao leopardo quase desvia a atenção para a responsabilidade das mortes subsequentes que tudo indica repetirem a primeira, tanto no modo como no que respeita às vítimas. A caça ao leopardo transfigura-se numa caça ao homem que culmina na confissão entre uma procissão que penitencia as mortes, séculos atrás, dos habitantes índios daquela localidade. É a duplicidade e a culpa que de uma ponta a outra atravessam *THE LEOPARD MAN* e nem a uma nem a outra há personagem que pareça escapar. A família de Teresa “empurra-a” para a rua. A mãe de Consuelo consente na sua saída solitária para um encontro secreto. O milionário oferece a Clo-Clo o dinheiro que, perdido na rua, a fará sair ao encontro da morte. Jerry e Kiki não livram as consciências da irresponsabilidade do acto que os levou a “pôr” um leopardo à solta nas ruas. E quanto ao criminoso, instigado por um “impulso maior do que ele próprio”, só consegue em seu abono falar do fascínio pelo medo e do tormento a que, por sua vez, não conseguiu escapar.

Com este desfilar de medos e de culpas alinham as simetrias e as rimas narrativas e visuais. Se o filme procede por interrupções – os aparentes desvios para as histórias paralelas de cada uma das vítimas –, a sua consistência é bastante mais funda. E como se disse, bastante subterrânea. Como o medo e como a culpa.

Maria João Madeira